

UNIVERSIDADE, COMUNIDADE E ESCOLA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL.

Irlane Maia de Oliveira; Ana Cláudia Maquiné Dutra

Universidade Federal do Amazonas irlanemaia@uol.com.br claudia.maquine@hotmail.com

Resumo: Com a perspectiva de contribuir para que o processo verticalizado do saber acadêmico possa tornar-se um processo dialógico será necessário discutir para reescrever a relação da universidade com a comunidade e com a escola. Essa reescrita de um ponto de vista operacional e metodológica não poderá ocorrer sem a oitiva dos saberes, pois sem esta, a prática social da universidade tende a manter seu caráter puramente assistencialista. Nesta perspectiva, tanto a comunidade e a escola, são parceiras fundamentais deste processo, mas a escola, também deve rever sua prática social, pois, não raro, ela desvaloriza ou desconhece os saberes da comunidade. A discussão neste artigo tem como fios condutores a crítica de Paulo Freire sobre a extensão universitária, e o alerta sobre a destruição de nosso passado social de um dos consagrados historiadores da atualidade, o inglês Eric Hobsbawm. Neste sentido o objetivo inicial é discutir para promover posturas críticas reflexivas sobre essa relação verticalizada. Portanto, a partir do exercício filosófico organizado pelos princípios do pensar, criticar, pedagógico refletir, e agir discutiremos, e também se pretende teorizar sobre o seu caráter didático da extensão universitária, onde os seus elementos contidos na sua prática social possam nos apontar diretrizes para as novas formas de agir, consolidando assim, a perspectiva de ser o construto dialógico de saberes.

Palavras-chave: Universidade, Comunidade, Escola, Extensão universitária, Diálogo de saberes.

Introdução

A universidade, em sua missão ao longo da história, se define como espaço de produção de conhecimento e de formação humana capaz de promover o bem-estar social, a justiça, a democracia, e a liberdade. Como alinhar essa perspectiva quando para abrir as fronteiras e discutir a relação da universidade com a comunidade por essas organizações sociais torna-se fecundo, pois conforme teoria das relações sociais contemporâneas se faz necessário apresentar proposições de materialização dos resultados da missão da universidade.

A proposta de uma discussão crítica reflexiva está subsidiada na leitura do livro de Paulo Freire (1985), *Extensão ou Comunicação?* Nele o autor chama a atenção para o equívoco semântico e gnosiológico do termo extensão. Essa advertência é um dos fios condutores para a proposta de uma discussão crítica diante da relação entre a universidade, a comunidade e a escola. Pois, os elementos contidos neste livro, denota sua relevância. O outro fio condutor dessa discussão é o alerta feito por um dos consagrados historiadores da atualidade, o inglês Eric Hobsbawm sobre a destruição de nosso passado social. De um ponto de vista epistemológico, relacionar Freire e Hobsbawm torna a discussão enriquecedora quando associamos o compromisso histórico da universidade a partir da prática social refletida na comunidade e na escola diante do entendimento que a tríade universidade, comunidade e escola são organizações sócio-históricas, e cada uma

desempenha seus papéis fundantes na sociedade. O cerne da discussão se dá a partir do reconhecimento do processo verticalizado do saber acadêmico, onde este conhecimento produzido, ainda, não estabeleceu institucionalmente, operacionalmente e metodologicamente um diálogo de saberes, e ao pensarmos metodologicamente intuimos ser possível promovê-lo. Ajuizada em um exercício crítico reflexivo poderemos abrimos possibilidades para a reescrita da relação da universidade, com a comunidade e a escola. A intuição acerca dessa operacionalização, do ponto de vista metodológico, está diante da oitiva de seus saberes, pois se acredita, sem essa oitiva, a prática social da universidade tende-se a manter seu caráter puramente assistencialista e de prestadora de serviços à comunidade e à escola. Portanto, é de fundamental importância a priori, a universidade reconhecer esta verticalização do saber, buscando analisar o fazer de sua prática social. A escola por sua vez, reconhecida como elo fundamental deste processo deverá, também, rever sua prática social, pois, não raro, ela desvaloriza ou desconhece os saberes da comunidade. Ratifica-se a importância dessa discussão, uma vez que a Universidade Federal do Amazonas vem buscando estratégias para romper com a verticalização de sua prática social.

Breve apresentação e discussão do capítulo 1 do livro *Extensão ou Comunicação?*

Publicado em 1969, pelo Instituto de Capacitação e Investigação em Reforma Agrária, em Santiago de Chile. A obra acessada foi traduzida por Roscisca Darcy de Oliveira, 8ª edição, editora Paz e Terra, e com a seguinte estrutura: prefácio, introdução, quatro capítulos, mas o exercício filosófico dar-se-á apenas no capítulo 1, por entender que a discussão sobre a relação verticalizada da universidade requer a compreensão do conceito de extensão.

Capítulo 1:

- a) A aproximação semântica ao termo extensão.
- b) O equívoco gnosiológico da extensão

Paulo Freire ao lançar seu olhar crítico analisou com profundidade a relação do agrônomo com a comunidade. Essa profundidade lhe permitiu desvelar antagonismos nessa relação. A principal é a negação da cultura local diante da imposição de uma cultura alheia. Essa forma de se relacionar transformou-se no modelo seguido até hoje pela extensão universitária.

O seu estudo semântico provoca o pensar para uma produção crítica acerca do termo, elevando o nível de reflexão para além da relação verticalizada, para o compromisso da

universidade com a comunidade e a escolar e especificamente o entendimento contextual do conceito de extensão.

“Este escritório tem três metros de extensão”. “A cor tem como essência a extensão do corpo”. “A extensão do termo extensão foi um dos temas analisados na semana de estudos”. “A palavra estrutura que, por sua etimologia, se ligou inicial-mente ao arquitetônico, sofreu uma extensão significativa e passou a ser empregada, em economia linguística, psicologia, antropologia, sociologia, etc”. “Pedro é agrônomo e trabalha em extensão. [...] o termo extensão, na acepção que nos interessa aqui – a do último contexto – indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática do verbo transitivo relativo, de dupla complementação -: estender algo a. (FREIRE, 1985, p. 11).

A citação de Freire é provocativa do ponto de vista conceitual, portanto urge a necessidade de criticar os mecanismos que nos levaram a esta compreensão equivocada, e torna-se prudente discuti-los, pois está em jogo, não somente refletir, mas agir, na busca de novas as atitudes manifestadas pela prática social da universidade. Torna-se imperativo uma nova postura conceitual, pois a partir dela novas percepções e ações serão desencadeadas onde inevitavelmente não só abalará a estrutura organizacional administrativa, mas também o fazer didático e pedagógico do professor, pois este em sua maioria o seu fazer, ainda, se pauta em levar o conhecimento produzido da universidade à comunidade e à escola de forma verticalizada.

O primeiro equívoco gnosiológico da extensão está em que, se há algo dinâmico na prática sugerida por tal conceito, este algo se reduz à pura ação de estender (o estender em si mesmo) em que, porém, o conteúdo estendido se torna estático. Desta forma, o sujeito que estende, é enquanto atar, ativo, em face de “espectadores” em quem deposita o conteúdo que estende. (FREIRE, 1985, p. 15).

O equívoco gnosiológico é desenvolvido a partir da reflexão homem-mundo e para Freire, entender essa relação é necessário compreender o condicionamento histórico e cultural em que vive esse homem, sem isso, a compreensão é mecânica levando-o à condição de mero expectador de sua realidade. O óbvio para Freire é que a cultura e a história constituem o mundo das relações do homem, e tanto o mundo como o homem nessa relação se transformam. Esta obviedade possui uma forma vertical.

A extensão universitária na Universidade Federal do Amazonas – breve apresentação

As ações de extensão dependem exclusivamente da comunidade para o seu total desenvolvimento. Na Universidade Federal do Amazonas, essas ações estão sob a administração da Pró-Reitoria de Extensão e Interiorização – PROEXTI, com uma estrutura organizacional, hoje, distribuída em cinco departamentos, que têm missões específicas: Departamento de Articulação e

Planejamento de Extensão – DARPEX, cuja missão é ampliar e fortalecer as ações de extensão universitária de caráter autossustentável; Departamento de Acompanhamento e Avaliação do Impacto das Ações de Extensão Universitária – DEAA, cujo propósito é a produção de indicadores que assegurem o permanente repensar das ações de extensão pela comunidade universitária a fim de garantir a efetividade dos objetivos propostos pela política de extensão; Departamento de Políticas Afirmativas – DPA, cuja incumbência é assegurar a execução de Políticas Afirmativas, garantindo à comunidade acadêmica condições básicas para o desenvolvimento de suas potencialidades, visando à inserção cidadã, propositiva, solidária, intercultural e intercientífica nos âmbitos cultural, político e econômico da sociedade e o bem viver regional; Departamento de Programas e Projetos de Extensão – DPROEX, que se encarrega de assessorar e gerir administrativamente os programas e projetos de extensão universitária, objetivando o aprimoramento e a consolidação dessas ações; e o Departamento de Cultura e Produção de Imagem – DCPI, cuja finalidade ainda não foi publicizada no portal da Pró-Reitoria.

Todas as atividades de extensão seguem as diretrizes da Política de Extensão da Universidade Federal Amazonas e é conceituada como “um processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade com a sociedade” (RELATÓRIO DE GESTÃO, 2011, p. 12). A política de extensão da universidade está à luz da Política Nacional de Extensão que vem sendo discutida desde 1987 no Fórum de Pró-Reitores de Extensão das universidades públicas do Brasil e preconiza o seguinte conceito:

A extensão universitária, sob o princípio constitucional da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, é um processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político que promove a interação transformadora entre a universidade e outros setores da sociedade (FORPROEX, 2012).

Neste conceito o termo extensão ligado ao de universidade torna-se indissociável de seus preceitos, e isso, acaba inviabilizando a compreensão do termo, pois até hoje, a extensão é concebida conforme já descrita por (FREIRE, 1985, p. 12).

Extensão.....Transmissão
Extensão.....Sujeito ativo (o que estende)
Extensão.....Conteúdo (que é escolhido por quem estende)
Extensão.....Recipiente (do conteúdo)
Extensão.....Entrega (de algo que é levado por um sujeito que se encontra “atrás do muro” àqueles que se encontram, “além do muro”, “fora do muro”. Daí que se fale em atividades extramuros.)
Extensão.....Messianismo (por parte de quem estende)

Extensão.....Superioridade (do conteúdo de quem entrega)
Extensão.....Inferioridade (de quem recebe)
Extensão..... Mecanicismo (de quem estende)

Nesta descrição é possível observar claramente a verticalização, ou seja, a forma de como a universidade se apresenta à comunidade e à escola, transferindo seu saber. Essa relação tem em sua ordem lógica e racional a hegemonia do saber. A complexidade dessa ordem pode ser compreendida com a complexidade humana. (MORIN, 2000, p. 59).

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e instável. Sorri, ri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas ideias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras.

Questionar esta forma de relação a partir de uma discussão crítica reflexiva poderá mudar as percepções errôneas que existem no âmbito da universidade. Neste sentido, temos que reagir diante de certas atitudes institucionalizadas mantenedoras de posturas hegemônicas sem nenhuma pretensão de diálogo. Vivenciamos tempos de intensa comunicação em suas mais diversas formas, saber se relacionar dialogicamente diante desse cenário, onde as relações se intensificam na liquidez Bauman (2013), e o devir dessas relações tende a diluir os sentimentos nobres que unem e integram o eu ao outro formando a comunidade, a escola e a sociedade.

Metodologia

Os princípios da discussão se embasaram em quatro princípios: pensar, criticar, refletir e agir. Após organizar o pensamento sobre o termo extensão na perspectiva de Freire emergiram reflexões acerca da forma como a universidade se relaciona com a comunidade e a escola. Essas reflexões não podiam ficar apenas no campo de uma discussão individualizada, até porque, comunidade e escola são espaços circundantes de saberes, e sendo a universidade em sua posição social é a detentora de um saber que não dialoga, mas estende seu saber a partir das práticas sociais realizadas pela extensão universitária. Portanto, essa discussão tende a atingir um nível da razoabilidade crítica diante para ir além, e agir intencionalmente na concretização de práticas sociais inovadoras.

Os princípios enunciados se fundamentaram no exercício filosófico por entendermos que toda atitude reflexiva crítica perpassa por ele, porém com as constantes transformações nas relações comunicativas vivenciadas pela sociedade acaba prejudicando seu reconhecimento e relevância, principalmente no âmbito da universidade. A organização do exercício filosófico para o pensar, refletir, criticar e agir da discussão obteve a seguinte formatação:

- O pensar foi estimulado na leitura do livro Extensão ou Comunicação de Paulo Freire (1985). Ponchirrolli; Ponchirrolli (2012) enunciam que o pensamento é a mola propulsora do conhecimento, onde seus elementos constituidores são deduzidos por princípios lógicos.
- Criticar - Identificar um dos pontos de maior interesse para desencadear elementos constitutivos do ato de criticar. A “crítica significa, antes de mais nada, dizer o que é em vista do que ainda não é, mas pode ser” (NOBRE, 2011, p. 10).
- Refletir - sobre novos elementos indo além. Esta fase pode ser considerada o ápice do exercício, aonde o ir além é fazer uso da razão.
- Agir para aquilo que não estava sendo na crítica possa vir a ser.

Resultados

A lógica obtida a partir da leitura nos levou a racionalidade do pensamento crítico onde os elementos estão sob a ordem conceitual, atitudinal e procedimental. O ponto de maior interesse levantado foi o termo extensão que do ponto de vista procedimental está imbricado a prática social da universidade e ao reflexionar o olhar acerca de sua relação com a comunidade e a escola, essa não passa de uma relação vertical de transmissão, onde o equívoco do termo extensão para o que se pensou ser o papel social da universidade não condiz com os preceitos legais instituídos pela Política Nacional de Extensão à luz da Constituição Brasileira de 1988. As reflexões apontam atitudes imediatas e procedimentos que se configuram em um agir transformador pactuado com o compromisso social e democrático.

Discussão

As atividades de extensão realizadas nas comunidades, ainda, se dão de forma verticalizada, ou seja, a universidade determina como a comunidade deve participar e o que ela deve saber. A relação da universidade com a comunidade, ainda, se faz por meio de palestras,

oficinas, minicursos e, ao final das ações os participantes, em cada semestre, são contemplados com certificação, configurando-se ações puramente assistencialistas e prestação de serviço, e não como um necessário diálogo. Tais críticas tornam-se pilares fulcrais nesta discussão na perspectiva de propor a oitiva da comunidade e da escola em seus saberes.

Nas últimas décadas a forma de como aprendemos vem sendo criticada e amplamente discutida, especialmente pela Neurociência. Assim, o cenário é de mudanças na forma de ensinar e aprender. Somos contrários à demasiada lógica da racionalidade instrumental, em que se valoriza a técnica pela técnica mantendo a predominância do modelo bancário em que ensinar continua a ser transmissão de informações, e aprender é absorvê-las. Com esse quadro, proclama-se a prática social revolucionária na ação e no ato de aprender com o foco não somente para a sala de aula, mas também para o fazer da prática social da universidade. O passo será a universidade se permitir a ouvir a comunidade contar a sua experiência, a sua história. “As experiências mais decisivas de felicidade ou de sofrimento são experiências em relação com outras pessoas e com uma profunda dimensão emocional e afetiva” (MADURO, 1994, p. 33-34).

Desde a “origem de toda a existência humana, o outro é a condição do sentido, isto é, o fundamento do vínculo social. Um mundo sem outrem é um mundo sem vínculo, fadado ao não sentido” (BRETON, 2016, p. 32). Neste sentido, a recuperação da sensibilidade implica instaurar a oitiva para dialogar com três estruturas sociais fundamentais: a família, a escola e a universidade. “No primeiro plano da memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de relações com os grupos mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele” (HALBWACHS, 2003, p. 51).

Hoje um fenômeno se espraia na sociedade que é a notória cegueira moral advinda da insensibilidade que nos torna incapaz de fixar a percepção do outro em uma modernidade líquida (BAUMAN, 2014). Há, de fato, neste espraio o desejo de recuperar a sensibilidade, mas como proceder? Antes de uma resposta, faz-se necessário refletir diante de outra questão. Como posso me sensibilizar pelo outro se não sou sensível ao Eu? Sempre ao perguntar aguardamos a resposta imediata, mas existem inúmeras perguntas sem respostas porque muitas respostas são elaboradas por reflexões. E nesse momento não cabe resposta imediata, mas reflexões necessárias.

À luz da prática social a partir da extensão universitária, será possível teorizar acerca desta realidade e constituir uma comunidade denominada *comunidade transformativa*. O início de sua constituição dar-se-á pela importância da oitiva dos saberes, resgatando os laços do passado social,

memória cultural como a estrutura basilar para operacionalizar atitude e procedimento de transformação, tendo como foco central a ruptura da relação verticalizada.

A relação do presente e passado está intrinsecamente ligada aos processos históricos da humanidade. Assim, torna-se relevante a atenção sobre a advertência de Hobsbawm (2014) sobre a perda de nosso passado social, uma vez que os jovens deste século estão crescendo sem vínculo orgânico, ou seja, sem relações afetivas com sua geração.

Conclusões

As críticas reflexivas apontam diretrizes inovadoras para a universidade, a primeira é mudar a sua forma de se relacionar com a comunidade e a escola. Essa mudança é de caráter dialógico, onde ao assumir-lá a verticalidade tende a desaparecer diante da oitiva. Portanto, é de fundamental importância essa discussão não se perca na fluidez de discussões vazias. Tais posturas aqui defendidas precisam ser levadas e apresentadas em dois contextos importantes dentro da universidade, nas amplas discussões da Câmara de Extensão, no Fórum de Pró-Reitores de Extensão, nos Colegiados de Cursos e nos Núcleos Docentes Estruturantes porque é nessas instâncias que ocorrem as articulações e pactuações políticas para as reformas no âmbito administrativo, didático e pedagógico.

A universidade precisa se vê diante de seus muros, percebendo, ouvindo a comunidade garimpando seus saberes, evidenciando seus elementos culturais para dialogar e transformar a comunidade e escola para juntamente com a universidade serem catalisadoras de mudanças significativas na prática social pautadas no compromisso de formar essencialmente cidadãos para a vida e para o mercado de trabalho e diante da perspectiva crítica reflexiva a universidade se transforme e com ela a extensão universitária se reconheça em sua dimensão didática e como potencial de tornar-se um construto dialógico de saberes.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2013.

_____. **Cegueira Moral**. Rio de Janeiro: ZAHAR, 2014.

BREDETON, David Le. **Antropologia dos sentidos**. Tradução de Francisco Morás. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Tradução de Rosisca Darci de Oliveira. 8 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **Memória Coletiva**. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

MADURO, Otto. **Mapas para Festas: Reflexões Latino-Americanas sobre a crise e o conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NOBRE, Marcos. **A teoria crítica**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2011.

PONCHIROLI, Osmar; PONCHIROLI, Maderli. **Métodos para a produção do conhecimento**. São Paulo: Atlas, 2012.

PROEXT. **Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Amazonas. Política de Extensão da Universidade Federal do Amazonas**. Disponível em:
<<http://proexti.ufam.edu.br/index.php/institucional/politica-de-extensao>> Acesso 03. 2014.